

APRESENTAÇÃO

A realização de um curso sobre *Os Lusíadas*, entre 14 de março e 20 de abril de 2011, no Real Gabinete Português de Leitura, e o interesse despertado durante as aulas, deu ensejo à ideia da realização de um número da *Convergência Lusíada* dedicado a Luís de Camões. Neste número pensamos ter conseguido reunir artigos que focalizam a obra camoniana sob diferentes pontos de vista e abordagens, demonstrando a vitalidade dos estudos camonianos nesta segunda década do século XX. Os estudos abordam a épica, a lírica e o teatro de Luís de Camões, e também questões relativas à história do livro e da recepção da obra camoniana, refletindo a amplitude desse campo de estudos. No artigo de Marcello Moreira discute-se, corajosamente, uma questão espinhosa nos estudos camonianos, a edição da lírica, e faz-se uma proposta de enfrentamento do problema segundo a visão da nova filologia. Marcia Arruda Franco debruça-se sobre um poema pouco estudado, o “Labirinto do autor, queixando-se do mundo”, e aborda seu caráter visual e figurativo em diálogo com poetas contemporâneos como João Cabral de Melo Neto. Vanda Anastácio atualiza a compreensão sobre as práticas de frei Bartolomeu Ferreira, revisor de livros da Santa Inquisição, como censor das primeiras edições de *Os Lusíadas*, numa reavaliação da história literária. Sheila Moura Hue apresenta o divertido jogo de subversão do épico camoniano proposto por quatro jovens estudantes de teologia em Évora, que já em 1589 tornavam pública sua paródia ao Canto I. Luiz Fernando Moraes de Barros e Luiza Nóbrega encerram a seção camoniana trazendo excertos de suas pesquisas de doutorado sobre o auto do Filodemo e uma revisão do papel de Baco em *Os Lusíadas*, respectivamente.

Na seção *Vária*, a tônica é a da diversidade de temas e épocas revisitadas. Ronaldo Menegaz vai ao *Auto dos Mistérios da Virgem* em busca de Mofina Mendes, personagem cômica que “rouba” a sacralidade da peça de Gil Vicente. Luciana Villas Bôas propõe uma reflexão sobre o papel do livro impresso como propaganda e legitimação da empreitada ultramarina inglesa, verificando de que modo a “pirataria de bens, autores e manuscritos” que constitui o livro *Purchas his Pilgrimes* desafia o domínio ibérico e católico sobre a expansão marítima. Paulo Sodré retoma o humor satírico medieval das cantigas de escárnio e maldizer de Afonso X, problematizando a questão da nomeação dos personagens “homenageados”, através da discussão sobre a presença e a ausência dos nomes históricos em tais cantigas. Saltando do medievo português ao Brasil do século XX, Luciano Marcos Dias Cavalcanti examina a presença da Musa Inês de Castro na *Invenção de Orfeu* de Jorge de Lima. Encerrando a seção, Alex Gonçalves Varela investiga a trajetória de José

Bonifácio de Andrada e Silva, buscando demonstrar o caráter indissociável de suas duas principais facetas - a do naturalista e a do homem público.

Tão conhecido por sua dedicação aos estudos camonianos quanto pela capacidade multidisciplinar e plural que atravessa sua obra poética, ficcional e ensaística, o nome escolhido para o Verbete desta edição não poderia ser outro senão Jorge de Sena. Na seção Poemas, Tatiana Pequeno revisita o nosso velho bardo à luz do lirismo do século XXI, relendo-o 440 anos após a publicação de *Os Lusíadas*. As resenhas deste número trazem a excelente edição das cartas de Michelangelo por Maria Berbara, e duas publicações do professor Jorge Fernandes da Silveira, o volume de ensaios camonianos *O Tejo é um rio controverso* e uma edição da poesia escolhida de Luiza Neto Jorge também com acento, digamos, lusíada.

Sheila Moura Hue e Luciana Salles